

Institutos pomposos

Milton Augusto de Toledo Barros¹

De início, afirmo que tenho gabarito para escrever sobre o título acima. Tenho informação e formação que vêm de longos anos. Quero esclarecer que não me move nenhum sentimento de vindita ou de acusação, ao contrário, sei que a profissão de médico, a qual vivi até minha justa aposentadoria, é difícil, embora compensadora sob inúmeros aspectos.

Presto algumas informações que julgo serem úteis ao nosso tema. Sou formado pela Faculdade Nacional de Medicina (Rio de Janeiro, ano de 1951). No início de minha carreira, existiam poucas especialidades médicas pelo interior. Após alguns anos, voltei-me para a psiquiatria, da qual obtivera bons conhecimentos em meu estágio e trabalho, durante três anos, em uma casa de saúde especializada. Considero ter sido boa minha formação médica. Sempre fui dedicado e regularmente estudioso. Acho que passei muito mais por acertos com meus clientes do que por resultados insatisfatórios.

Na ocasião em que estudava para o vestibular, passei pela tristeza do falecimento de minha mãe. Sem dúvida, ocorreria grave erro em uma cirurgia a que ela fora submetida, mas sobre a qual falei e descrevi com detalhes no livro de minha autoria “Crônicas de um Psiquiatra”.¹ Resumindo, esclareço que o colega cirurgião esqueceu uma pinça de Kocher dentro da cavidade abdominal. Mamãe passou por cruciantes problemas, vindo a falecer por peritonite após nova cirurgia.

Sem delongas, passo agora ao significado da palavra “instituição”. É de meu conhecimento, porém para confirmar consultei dicionários e a “wikipédia” na internet. Não há dúvida de que essa palavra significa um conjunto de ações com sentido social ou um conjunto de apoios em uma pesquisa ou mesmo interconsultas entre profissionais do mesmo ramo ou afins. No caso de médicos, significa a possibilidade de ação conjunta em benefício de um paciente para melhor terapêutica ou esclarecimento diagnóstico. Tudo bem claro, não é?

Entretanto, na realidade não é isso que acontece, mas sim encontram-se edifícios que se constituem em construções suntuosas, em geral cheias de vidro “blindex”, com teto alto, meios de conforto para os clientes, incluindo sanitários, água, café etc. Estacionamentos e, na frente do prédio, em letras garrafais, o nome e qualificação técnica do tal instituto.

E mais ainda, com consultórios da mesma especialidade que, entretanto, são praticamente isolados, com cada profissional agindo só com seu critério. É claro que sem o intuito de enganar os clientes, mas tudo está longe do que poderia ser melhor. Não existe uma intercooperação entre os especialistas no que concerne às possíveis dificuldades de um caso mais delicado. As exceções são raras. O cliente ou seus familiares se sentem intimidados, o médico é sempre colocado num posto muito acima, quase ninguém reclama e fica por isso mesmo. Quando os profissionais se unem é porque em geral necessitam de aparelhos caros, donde a conveniência de um uso econômico.

Procedimento diferente ocorre nas unidades de terapias intensivas (UTI), onde os médicos que, em geral, são de boa competência, recebem o plantão com informações necessárias, e depois as transmitem ao seu sucessor quando vence seu turno.

Quando conversei com um colega amigo sobre esse delicado assunto, ele me aprovou e elogiou minha intenção desta publicação, mas salientando que isso é uma verdade, e que se teria de ter coragem para se tocar nessa questão.

Como disse antes, tenho larga experiência e observação acurada, noto muito bem quando uma enfermeira ou técnica do ramo entra no quarto e afoitamente mete o dedo no botão da luz. O paciente vai reclamar? Coitado. Mas esse assunto não está incluído para agora. E o paciente do Sistema Único de Saúde (SUS), que necessita ser operado de uma hérnia inguinal. Fica para quando?

Há cinco meses minha esposa faleceu. Não incluí nada sobre o assunto nem sobre a peritonite que desencadeou o óbito.

No que concerne à medicina existe muita coisa boa, mas também existe muita coisa que poderia melhorar. Sei que estamos caminhando. Nós, os médicos, com razão, responsabilizamos bastante os políticos, mas temos discernimento que muito poderiam auxiliar ao nosso próximo e ao nosso país. Não existem fronteiras onerosas para conversações úteis; estamos ainda longe dos limites de nossa inteligência, quando unida e bem dirigida. É uma dádiva e prerrogativa que poderíamos usar melhor.

¹ Médico psiquiatra aposentado.

Envio este trabalho para a revista médica “Diagnóstico e Tratamento”, editada pela Associação Paulista de Medicina, que já me honrou em outra ocasião com a publicação de artigo sobre o tabagismo, intitulado “Experiência desastrosa”.

Antecipadamente agradeço.

REFERÊNCIA

1. Barros MAT. Crônicas de um Psiquiatra. São Paulo: Raízes; 1999.

INFORMAÇÕES

Endereço para correspondência:

Rua Érico de Abreu Sodré, 220

Centro – Lins (SP)

CEP 16400-502

E-mail: miltontbarros@uol.com.br

Fonte de fomento: nenhuma declarada

Conflitos de Interesse: nenhuma declarada

Data de entrada: 11 de julho de 2011

Data da última modificação: 11 de julho de 2011

Data de aceitação: 1º de agosto de 2011